

Assassinos da lua das flores



Por **JOSÉ GERALDO COUTO***

Comentário sobre o filme de Martin Scorsese, em exibição nos cinemas.

Para quem gosta de cinema e se interessa pela história das sociedades, *Assassinos da lua das flores*, de Martin Scorsese, é possivelmente o grande filme do ano. Ambientado nos anos 1920, na terra da nação indígena Osage, traz uma carga tão grande de informação, ação eletrizante e drama humano que suas três horas e meia passam num instante.

Resumindo uma história complexa: no início do século XX, os osages encontram petróleo no território estéril para onde tinham sido empurrados pelos colonizadores europeus, no estado de Oklahoma. A situação então se inverte. São os brancos que passam a cobiçar a riqueza obtida pelos indígenas, tentando chegar a ela por uma via dupla: casando-se com mulheres osages e matando quem estivesse na linha de sucessão na posse do patrimônio. No entretanto, eles se submetem a trabalhar para os abonados indígenas como motoristas, garçons, marceneiros, etc.

É nesse contexto que chega à região, voltando da Primeira Guerra, o matuto de poucas luzes Ernest Burkhart (Leonardo DiCaprio), que fica sob a guarda do tio, o poderoso latifundiário Willam Hale (Robert De Niro). Acontece que o astucioso Hale pretende se servir do sobrinho para aumentar o patrimônio da família, e para isso o incentiva a casar-se com a osage Mollie (Lily Gladstone). Começam então a ocorrer diversos assassinatos de parentes de Mollie, motivando o envio para a região de agentes do então nascente FBI.

Épico sem glória

A partir do livro de não-ficção de David Grann *Killers of the Flower Moon*, onde essa história é contada, Martin Scorsese construiu um épico sem glória que mistura faroeste, filme de gangster, policial e drama de tribunal. Aos 80 anos, ele exibe um vigor invejável e o pleno domínio dos recursos narrativos e expressivos que o transformaram no último grande cineasta clássico dos Estados Unidos, sem a irregularidade de um Coppola e o sentimentalismo tantas vezes tolo de um Spielberg.

Em última instância, *Assassinos da lua das flores* pode ser visto como uma parábola sobre a ideia de que, no capitalismo, o dinheiro não tem cor, raça ou ideologia. Esse mito é testado em seu limite no filme: os osages têm os dólares do petróleo, mas continuam sendo indígenas, isto é, um povo discriminado, sitiado e, na “solução final”, exterminado. Não sob tiros e clarins da cavalaria, como em tantos *westerns*, mas por caminhos mais insidiosos e traiçoeiros, como nos filmes de máfia.

Martin Scorsese transita de modo desenvolvido e soberano pelos códigos de todos os gêneros, aparentemente à vontade nesse ambiente que mistura o rural e o urbano. Uma corrida de automóveis pelas ruas de terra da cidadezinha osage atesta a euforia quase juvenil com que esse veterano nos dá a ver imagens inusitadas.

Tudo é entretenimento

Merece atenção especial o olhar poético e respeitoso que esse artista branco, católico, descendente de italianos, criado nas ruas perigosas de Nova York, dedica ao povo osage e sua cultura. A morte da mãe de Mollie, Lizzie (Tantoo Cardinal), por exemplo, é apresentada numa visão dupla, a da ascensão de seu espírito segundo a mitologia indígena e a crua, prosaica, de um velório rotineiro. Em outra passagem, o bobalhão Ernest diz a Mollie, pensando estar sendo galanteador: “A cor da sua pele é bonita. Como você chama essa cor?” Ela responde: “A minha cor”.

Por fim, sem que vá aqui nenhum spoiler, a aparição do próprio Martin Scorsese, no papel de um produtor de programa de rádio, reforça e atualiza uma ideia recorrente na obra do diretor (vide *O rei da comédia* e mesmo o final de *Taxi driver*): a de que na cultura industrial norte-americana tudo vira entretenimento comercial e catarse de massa. Seu próprio filme não escapa disso, claro, mas pelo menos tem o mérito nada pequeno de chamar a atenção para a armadilha. Nos embala e nos belisca ao mesmo tempo.

***José Geraldo Couto** é crítico de cinema. Autor, entre outros livros, de *André Breton (Brasiliense)*.

Publicado originalmente no site do [Instituto Moreira Salles](#)

Referência

Assassinos da lua das flores (Killers of the Flower Moon)

EUA, 2023, 3h 26 min.

Direção: Martin Scorsese

Roteiro: Eric Roth, Martin Scorsese

Elenco: [Leonardo DiCaprio](#), [Lily Gladstone](#), [Robert De Niro](#)

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)